**PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS:**

**MUNDO IDEAL X REAL.**

André Paciornik

Camilla Lopes

Janete Dal Popo

Sueli Lemes

Rafaela Pezote

**Resumo:** Em uma pesquisa exploratória, com auxílio de bibliografia, para chegar ao objetivo de compreender como o psicólogo pode auxiliar as crianças com necessidades especiais a enxergar suas habilidades, e fazer disso mecanismos para facilitar suas vivencias no mundo “real”, o trabalho foi realizados com seis alunos de uma classe especial, de uma escola da região metropolitana de Curitiba-PR. O trabalho foi feito em dois dias, através da utilização de um filme para as crianças reconhecerem suas habilidades, também foi trabalhado o mundo ideal e o mundo real, a relação delas com o que elas querem ser e a comunidade em que estão inseridas. Os participantes foram os seis alunos de uma classe especial, da escola de ensino fundamental I e II, Santa Cecilia, localizada na Fazenda Rio Grande- PR, região metropolitana de Curitiba. Assim foi possível identificar que em criança uma história, em cada olhar uma tristeza, em cada vida um sobreviver e não viver. Então, como fugir dessa realidade bruta? Como escapar desta prisão sem muros? Como sonhar ou acreditar que existe algo diferente? Como resultado da pesquisa foi proposto um plano de ação efetiva, onde a equipe propôs a escola de ser um campo de estagio tornando possível mais rapidamente as sugestões de melhoria.

**Palavras Chaves:** Inclusão escolar; Crianças com Necessidades especiais; Distúrbio de Aprendizagem; Sonhos e Perspectivas de vida.

**Introdução**

O presente trabalho teve como proposta realizarmos um projeto que envolvesse a temática “Mundo Real x Mundo Ideal” para crianças portadoras de necessidades especiais da escola Municipal Santa Cecília – Educação Infantil e Ensino Fundamental, localizada na Rua Maranhão, 74, Bairro Estados, cidade de Fazenda Rio Grande.

Durante poucas horas pudemos conhecer a realidade de seis crianças de uma classe especial na região metropolitana, realidade esta que deixou a equipe em choque.

Seis crianças com histórias de vida tão diferentes quanto parecidas, incluindo: abandono da família, alguns não conhecem o pai, a maioria não tem um pai, crianças criadas pela avó, familiares presos, envolvimento com drogas, abandono emocional, falta de cuidado, etc.

Crianças que são tratadas como sem valor ou importância, crianças sem uma perspectiva real de futuro, para quem o futuro é hoje e o amanhã é lucro se existir. Pequenos corações quebrados, mas que ainda encontram força para amar o pouco que conseguem ter, que se apegam as migalhas, como sendo melhores do que não ter nada.

Em cada rosto uma história, em cada olhar uma tristeza, em cada vida um sobreviver e não viver. Então, como fugir dessa realidade bruta? Como escapar desta prisão sem muros? Como sonhar ou acreditar que existe algo diferente?

A busca destas respostas foi o que embasou o grupo a criar um projeto e envolver as crianças desta classe especial para participar tentando proporcionar uma nova perspectiva para elas, no entanto, as dificuldades sociais e ambientais fazem com que essas crianças deixaram de criar um novo horizonte para olhar, tornando a saída delas deste mundo real tão brutal mais árduo e sofrido.

**Revisão Bibliográfica**

A diretriz da inclusão escolar para pessoas com necessidades especiais segundo Quintão (2005, p. 76) é a:

“Lei (Nº9. 394 de 20 de dezembrode1996), prevê e a garantia de vagas na escola regular para educandos portadores de necessidades especiais desde a educação infantil, assim como contempla a compra de vagas pelos governos em escolas especiais, instituições privadas sem fins lucrativos, para os casos que necessitam de uma condição de ensino [...]”.

De acordo com Paula (2006) nenhuma escola está totalmente preparada para receber uma criança com necessidades especiais porque é impossível prever qual é a especificidade de cada uma, mas à medida que cada aluno chega, é possível avaliar os recursos materiais disponíveis na instituição. Isto envolve desde o acesso físico aos espaços e aos recursos pedagógicos (materiais e instrumentos específicos), até a disponibilidade dos profissionais.

Adaptações na instituição de ensino serão sempre necessárias quando se trata de receber uma criança com necessidades especiais e, dentro das possibilidades da escola, todo esforço para isto deve ser empreendido. Nesse contexto a escola deve alterar o regimento escolar acrescentando as especificidades do processo e efetivação da inclusão na instituição, bem como quais são os departamentos responsáveis por ela e quais são os recursos disponíveis para auxiliar na educação de uma criança com necessidades especiais.

Adequação curricular e avaliativa envolve ajustes no conteúdo e/ou na forma de sua apresentação que podem ser necessários e devem levar em consideração as condições de aprendizagem da criança verificadas na sua avaliação de ingresso e nas avaliações permanentes. Avaliações permanentes são necessárias, pois o processo de aprendizagem não é estanque nem definitivo e deve considerar os progressos e dificuldades apresentados pela criança.

Ainda, conforme Paula (2006) dificuldade de aprendizagem não é sinônimo de incapacidade. Para diminuir ou eliminar as dificuldades é preciso sempre procurar um recurso alternativo através do qual a criança possa expressar o que sabe e como utiliza o seu conhecimento. O envolvimento de toda equipe no trabalho de inclusão é necessário, pois só assim o compromisso assumido junto à criança e sua família são possíveis.

Não só o trabalho pedagógica oferecida precisa ser constantemente reveste e adaptado (e para isto a troca de informações é fundamental), como também as relações pessoal que se estabelece com aquela criança, geralmente tida como "diferente", precisam ser discutidas e revistas pelo profissional que auxilia a criança e pelo professor na adaptação ao processo escolar.

A partir do que foi estudado em sala de aula, o portador de necessidade especial é todo aquele indivíduo que tem alguma alteração que dificulta ou impossibilita esse a fazer atividades ditas normais.

Tratando de como chamar uma portador de necessidades especiais Sassaki (2005) afirma que não a uma maneira correta apenas variações de como a sociedade trata em determinada época

“A razão disto reside no fato de que a cada época são utilizados termos cujo significado seja compatível com os valores vigentes em cada sociedade enquanto esta evolui em seu relacionamento com as pessoas que possuem este ou aquele tipo de deficiência”. (SASSAKI, 2005, p 1.)

Existem conceitos que descriminalizam as pessoas portadoras de uma deficiência, ideias que já estão empregadas nas sociedades há muito tempo, que faz com que a inclusão, seja uma ideia inicialmente de exclusão.

Prado e Morostega (2001 p.1) trazem esses conceitos

“pessoas portadores de deficiência não são muito capazes, são pouco produtiva (apêndice “inúteis da sociedade”), (Fernandes, 1995); pessoa portador de deficiência é estigmatizada, o estigma cria preconceitos que, por si, gera medo, e o medo provoca ignorância e afastamento pessoas portador de deficiência não se encaixam nos valores da sociedade”.

Considerando que cada ser humano é único e diferente um do outro, ter a ideia de que uma pessoa portadora de necessidade especial é invalida e excluir essa pessoa da sociedade é um ato de crueldade com o ser humano.

 Assim então devemos antes de pensar na pessoa a partir de suas diferenças olharem para ela a partir do que ela consegue fazer, e do que essa é um ser humano com todos.

Distúrbios da aprendizagem são uma das principais causas de encaminhamento de crianças e adolescentes para avaliação psicológica.

O conceito de distúrbio da aprendizagem segundo Bartholomeu & cols (2006) é amplo e abrange qualquer dificuldade observável no aluno, de acompanhar o ritmo de aprendizagem dos demais estudantes da mesma faixa etária. No grupo das dificuldades severas, características dos distúrbios de aprendizagem estão: aquisição e uso da escrita, fala leitura, raciocínio ou habilidades matemáticas, seja por vias internas ou externas do indivíduo.

Segundo Dockrell e McShane (2000), considerando a causa funcional (nível de desenvolvimento atual da criança) do distúrbio de aprendizagem, distinguem-se dois grupos quando se toma a medida da inteligência. O primeiro é constituído por crianças cujo nível intelectual do desenvolvimento é significativamente inferior à média e que, em atividades intelectuais, mostram desempenho inferior a crianças da mesma idade; essas crianças são denominadas “lentas” e, em casos mais graves, são designadas “deficientes mentais”. O segundo, por sua vez, é constituído por crianças com nível intelectual normal, mas que, apesar disso, apresentam dificuldades em tarefas específicas, como a leitura.

Segundo Ciasca (2003),

“No Brasil as cifras de dificuldade escolar são significativas: cerca de 30% a 40% da população que freqüenta as primeiras séries escolares tem algum tipo de dificuldade. Além disso, as crianças do Brasil apresentam o problema mais tardiamente do que as outras populações, porque o distúrbio de aprendizagem manifesta-se após a entrada da criança na escola, o que impossibilita qualquer tipo de prevenção antes do processo de alfabetização regular”.

Diversos fatores contribuem para os distúrbios de aprendizagem nos âmbitos biológicos, psicológicos e sociais. No âmbito biológico, o retardo mental (RM) é um dos transtornos neuropsiquiátricos mais comuns em crianças e adolescentes, com prevalência de 1% da população jovem. Há um consenso geral de que o RM é mais comum no sexo masculino, um achado atribuído às numerosas mutações dos genes encontrados no cromossomo X.A razão entre os sexos masculino e feminino é de 1,3 a 1,9 para 1.

As crianças acometidas muitas vezes apresentam-se ao pediatra geral com queixa de atraso na fala/linguagem, alteração do comportamento, ou baixo rendimento escolar. O diagnóstico de RM é definido com base em três critérios: início do quadro clínico antes de 18 anos de idade; função intelectual significativamente abaixo da em- dia, demonstrada por um quociente de inteligência (QI) igual ou menor que 70; e deficiência nas habilidades adaptativas em pelo menos duas das seguintes áreas: comunicação, autocuidados, habilidades sociais/interpessoais, auto-orientação, rendimento escolar, trabalho, lazer, saúde e segurança. O QI normal é considerado acima de 85, e os indivíduos com um escore de 71 a 84 são descritos como tendo função intelectual limítrofe. Os testes do QI são mais válidos e confiáveis em crianças maiores de 5 anos, por isso muitos autores preferem termos como atraso no desenvolvimento ou dificuldade de aprendizagem.

Dentro do diagnóstico de retardo mental enquadram-se as seguintes patologias: Más formações fetais causadas por ingestão de drogas durante a gestação, síndrome de Down, X frágil, más formações fetais por causas não drogaditas, malformações cerebrais, erros inatos do metabolismo e desnutrição proteicos calóricos.

Entre as causas psicológicas dos distúrbios de aprendizagem estão os abusos sofridos pela criança, tanto físicos e sexuais como morais, Transtornos psíquicos como depressão, ansiedade e TDAH. Existem também os transtornos mais severos como os do espectro autista. Contudo, as dificuldades de aprendizagem no âmbito psicológico também podem ser causadas por uma capacidade cognitiva aumentada, no caso da superlotação, onde o aluno aprende com facilidade muito maior do que seus colegas da mesma faixa etária. Já os fatores sociais envolvem toda a dinâmica da família, amigos, escola e tudo o que cerca a criança.

É importante destacar que estes três fatores, biológico, psicológico e social, embora apresentados separadamente por questões didáticas, no âmbito prático estão inter-relacionados e influenciam de muitos modos os processos de aprendizagem.

Os alunos da classe especial com quem este trabalho foi realizado estão inseridos em contextos sociais de pobreza, violência e abusos de drogas lícitas e ilícitas. As dinâmicas familiares dos alunos também são muito complexas, com histórico de abandono e violência, muitas vezes perpassado por histórico de abuso de substancias por parte de parentes muito próximos.

1.
2.
3. 1.
	2.

Muitas das dificuldades encontradas nas crianças têm relação com a dificuldade de escrever, de fazer transformar os sons ou a imaginação e descrever em palavras.

Segundo Bartholomeu & cols (2006) a dificuldade de aprendizagem, mas precisamente a dificuldade de escrita “depende de numerosos fatores estreitamente dependentes da adaptação afetiva e da personalidade das crianças” (p. 140), entre os quais se podem citar o gosto pela escola, às relações com os pais e o professor.

Segundo Bartholomeu & cols (2006 p.140)

“As crianças com dificuldades de aprendizagem que estejam com problemas emocionais apresentam, na opinião de Fonseca (1995), sinais de regressões, oposições, narcisismos e negativismos. Esse fato acaba por produzir baixa autoestima e fragilidade no autoconceito”.

A pesquisa de Wenz-Gross e Siperstein (1997) *apud* Bartholomeu & cols (2006), que estudaram crianças com dificuldades de aprendizagem comparando-as com outras sem tais problemas, no que tange a rede de interações sociais, suporte social, amizades e ajustamento. Os resultados indicam que crianças com problemas de aprendizagem procuram menos sua família, bem como seus pares, para dar suporte na solução de problemas.

Após identificar que as crianças a ser trabalhadas no projeto solidariedade tinham um grande problema com a escrita e com a fala, foi escolhido pelo grupo utilizar do desenho, para identificar se eles conseguiam passar para o papel aquilo que eles idealizavam.

O desenho foi uma das maneiras mais claras para o contado com as crianças e conhecer o mundo delas.

Assim Segundo Grubits (2003) *apud* Menezes *et al. (*2008) os estudos sobre o desenho, “o relacionam à investigação do desenvolvimento da inteligência, cognição, motricidade e afetividade, bem como dos aspectos sociais e culturais do meio ambiente das crianças” (p. 189).

Desta maneira, o desenho pode representar algo que a criança não consegue verbalizar, ou algo facilitar a visualização de algo essa quer verbalizar, como por exemplo, uma criança que quer demonstrar um abuso sexual, e não consegue verbalizar essa às vezes consegue desenhar, ou uma criança que quer ir além do limite então se desenha como um pássaro.

O desenho serve como ligação entre pessoas e onde essas convivem assim os desenhos podem facilitar o diálogo das crianças que tem umas dificuldades de escrita,

*“*O desenho infantil pode emergir como um elo de representação dessas relações e de outras vivências significativas para o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo dos indivíduos” GOLDBERG E COLABORADORES (2005) *APUD* MENEZES *ET AL.*(2008 p 190).

Pois o desenho vai expressar o que a criança não consegue escrever, mas não diminuindo a importância que a escrita tem e a necessidade da criança aprender a escrever.

Correa, 2010, *apud* Aries, 1986, relata que em tempos remotos não existia o conceito de criança e adolescente, eram todos tratados como pequenos adultos, a infância e a adolescência se tornaram uma criação cultural e cada dia tem virado um conceito patológico. Essas faixas etárias sem sido vistas como problema e colocadas de baixo de tratamento medicamentoso, a tendência de enxerga-los como pequenos adultos estão voltando, estes pequenos têm que sobreviver a selva dos adultos, se portar e reagir como adultos. Não há mais espaço para brincar e desenvolver, para soltar a imaginação, apenas há espaço para crescer.

As crianças/adolescentes trabalhadas dentro do Projeto Solidariedade estão na classe especial cada uma por um motivo diferente, seja esse déficit de atenção, abuso de substancias psicoativas, hidrocefalia, etc., mas todas possuem uma considerável deficiência intelectual, o que não as impede de sonhar, às vezes pode até impedi-las de se enxergarem como pessoas capazes, mas o que realmente as coloca em uma situação especial é o contexto onde se encontram. Dentro desse contexto não há tempo para ser criança, para desejar e sonhar como uma criança, portanto foi identificada uma mistura entre o mundo imaginário/ideal e o mundo real no discurso dessas crianças.

Segundo Pesque *et al*, 2004, crianças e adolescentes em situação de risco encontram-se mais vulneráveis a não obtenção de resiliência, a resiliência se entende como a conjuntura de processos sociais e intrapsíquicos, um meio pelo qual a pessoa pode encontrar uma ressignificação de seu problema, sendo capaz de viver algo saudável mesmo em um ambiente desfavorável, mas esta, a resiliência, não nasce com a pessoa, ela é construída entre a pessoa e o meio onde esta se encontra.

Há alguns fatores que podem impedir ou dificultar o processo natural de resiliência, principalmente entre crianças e adolescentes, prejudicando seu desenvolvimento. Pesce *et al*, 2004, comentam sobre os fatores barreira para criação da resiliência, como não sendo apenas os fatos em si, mas sua duração, intensidade e exposição do indivíduo. Tais fatores podem ser: estresse, violência, separação familiar, abuso, discriminação, perdas, mortes, etc.

Crianças e adolescentes vivendo em situações de risco e pobrezas estão mais propensas ao não desenvolvimento da resiliência, assim como da competência social, a qual é descrita como a habilidade de interpretar o ambiente e se portar de acordo com o exigido, sabendo lidar com suas emoções e responder ao mundo adulto.

Cecconello e Koller (2000) para ter competência social é necessário que a pessoa tenha um bom conceito sobre si mesma, esteja realizada em alguns aspectos da vida, seja confiante, otimista, saiba ser proativa entre outros. A competência social é importante para que o indivíduo saiba lidar com o mundo e suas exigências, para que exista o poder de acreditar em si mesmo e se reconstruir se necessário, poder traçar planos, metas e executa-los.

 O mundo familiar e o círculo de amizades são de extrema importância no momento do desenvolvimento do indivíduo, principalmente na aquisição da competência social, pois estes auxiliam a criança a cruzar fronteiras, ajudam a criar novas habilidades, geram confiança, suporte emocional e capacidade de enfrentamento. Cecconello (1999), Cecconello e Koller (2000), apud Kliewer (1991), Del Prette e Del Prette (1999) e Tyler (1984), (Ladd, Kochenderfer, & Coleman, 1996; Newcomb & Bagwell, 1996; Price & Ladd, 1986), Coble et al. (1996).

A técnica do Genograma foi utilizada no trabalho para representar as famílias das crianças, pois ficou perceptível que uma das grandes dificuldades das crianças em criar um mundo imaginário diferente é porque eles vivem em uma comunidade de baixa renda e com poucos recursos.

Outro fator de relevância foi o fato das crianças ter famílias ter diferentes e algumas muito complicadas, como ir para um abrigo e depois ser adotada por uma família diferente, ou já ter contado com drogas e com a vida sexual.

O Segundo Ministério da Saúde (2012) o genograma permite identificar, de maneira mais rápida a dinâmica familiar e suas possíveis implicações, com criação de vínculo entre profissional e a família/indivíduo.

O tipo de relações entre os familiares são representadas através de “linhas esquemáticas que podem indicar, quando existe relevância, o emaranhado, o desligamento, o conflito, a proximidade, etc.” (LIMA *et al.* 2005 p 25 *apud* Duffy & Chenail, 2004).

Segundo o Ministério da Saúde (2012 p 6)

“Genograma baseia-se no modelo do heredograma, mostrando graficamente a estrutura e o padrão de repetição das relações familiares, mostrando repetições de padrões de doenças, relacionamento e os conflitos resultantes do adoecer.”

Então pelo que é possível apresentar no genograma foi escolhido essa técnica para montar as famílias das crianças na apresentação, assim facilitando a visualização da comunidade familiar de cada uma.

**Metodologia**

Em uma pesquisa exploratória, com auxílio de bibliografia, para chegar ao objetivo de compreender como o psicólogo pode auxiliar as crianças com necessidades especiais a enxergar suas habilidades, e fazer disso mecanismos para facilitar suas vivencias no mundo “real”.

O trabalho foi feito em dois dias, através da utilização de um filme para as crianças reconhecerem suas habilidades, também foi trabalhado o mundo ideal e o mundo real, a relação delas com o que elas querem ser e a comunidade em que estão inseridas.

Os participantes foram os seis alunos de uma classe especial, da escola de ensino fundamental I e II, Santa Cecilia, localizada na Fazenda Rio Grande- PR, região metropolitana de Curitiba.

Os recursos utilizados foram televisão, DVD, folha de papel sulfite, lápis de cor, lápis de escrever, giz.

**Resultados da Pesquisa**

Em relação ao trabalho desenvolvido na escola apresentamos como sugestão de melhorias os seguintes pontos:

* Necessidade de haver uma reavaliação dos diagnósticos referentes às patologias apontados na avaliação de cada aluno da classe especial;
* Avaliação sobre a necessidade de cada aluno da classe para ser direcionado a uma classe de acordo com a sua faixa etária;
* Adaptação do currículo escolar de acordo com a classe do aluno e das suas limitações;
* Ampliar a visão das crianças em referência ao mundo, fora aquilo que eles conhecem;
* Lapidar os sonhos e o mundo ideal das crianças, fazendo com que elas possam sair do meio social inapropriado;
* Implementar aulas de reforço e contra turno para as crianças fazerem parte realmente da inclusão;
* Dedicar tempo para ouvir e direcionar as crianças, para ir além do que elas conhecem e possibilitar novos sonhos;
* Apoiar psicologicamente as crianças para não crescerem fragilizadas, nem enrijecidas, pelos traumas das vidas.

O que é possível fazer futuramente é tornar a escola Santa Cecilia, na fazenda rio Grande- PR um campo de estagio, para psicologia ou áreas afins, pois assim as sugestões de melhora pode ser tornar efetiva em um tempo mais curto.

**Conclusão**

Ao iniciar o trabalho com as crianças sobre o mundo real e o mundo ideal identificamos as dificuldades de aprendizagem, as falhas no trabalho de inclusão e a dificuldade das crianças em criar uma resiliência.

Mas para ir além de apenas apontar erros e dificuldades, optamos em apresentar algumas sugestões de melhoras, que pode talvez não seja para um curto prazo de tempo, mais que se for trabalhado e adaptado podem dar certo.

Na hipótese de a escola se comunicar e ter acessos aos recursos e capacidades da criança, é possível que mais rapidamente à equipe da escola avaliar suas condutas e objetivos para cuidar de uma criança com necessidades especiais.

Às vezes são necessárias adaptações em alguns conteúdos que a criança apresente maior dificuldade de apreensão, são os casos, por exemplo, das abstrações. É sempre a partir dos recursos cognitivos do aluno que devem ser traçados objetivos que ele deverá cumprir e sobre os quais será avaliado.

Os atendimentos psicológicos regular para essas crianças, identificando o que é de nível cognitivo e o que vem do âmbito social, pois existe o diagnostico cognitivo, mas é visível também que essas têm carências no âmbito social.

O apoio psicológico aos familiares dessas crianças com necessidades especiais seria outro recurso que ajudaria aos familiares entender as dificuldades durante e depois da inclusão escolar, assim a família pode ajudar essas crianças no meio social.

Prestar auxílio psicológico aos professores e orientadores para conseguirem lidar com as diferentes formas de ensinar e de assistência a essas crianças. Acompanhar o desenvolver desta inclusão junto com o portador de necessidades especiais para que não haja a exclusão e preconceito contra o mesmo.

Trabalhar com a turma para que a inclusão ocorra de forma adequada, à aceitação dos outros alunos para aqueles que têm alguma dificuldade, assim não gerando uma rotulação e evitando a atividade de Bullying, uma vez que isso aconteça precisa serem trabalhados e retirados esses rótulos.

Na escola que realizamos o projeto Mundo real e Mundo ideal não existe realmente uma inclusão e sim uma classe especial, onde todas as crianças que estão matriculadas que possuem algum tipo de deficiência estão na mesma classe, não é inserida em classes de acordo com suas idades.

Outro fator relevante é que cada criança e adolescente tem uma necessidade distinta e dessa forma precisam de atividades diferentes, mas na classe especial realizam as mesmas atividades e não possuem um currículo adaptado.

Sabe-se que é difícil lidar com 30 alunos e fica ainda mais difícil caso haja uma ou mais alunos com alguma necessidade especial ou uma dificuldade de aprendizagem, mas se as escolas se adaptassem em ter classes de contra turno para esses alunos, iria ser um auxilio melhor para as escolas e para os alunos.

Por mais que existam algumas coisas que ainda podem ser feitas e que são de grande necessidade, algo que é realmente de grande relevância, e que seria importante que mudasse o mais rápido, é o acompanhamento psicológico, para as crianças, familiar e professor, isso já seria uma evolução significativa.

Então sugerimos algumas coisas que podem ser alteradas, a curto, médio e longo prezo, mas são possíveis e ajudariam a evolução da educação e das crianças com necessidades especiais.

1.
2.
3.

**Referência Bibliográfica**

BARTHOLOMEU D. & cols. **Dificuldades de aprendizagem na escrita e características emocionais de crianças.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 1, p. 139-146, jan./abr. 2006.

CECCONELLO A. M; KOLLER S. H. **Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza** Estudos de psicologia competência social e empatia 2000, 5(1), 71-93 71.

CORREA, Andrea Raquel Martins.**Infância e patologização: crianças sob controle.***Rev. bras. psicodrama* [online]. 2010, vol.18, n.2, pp. 97-106.

FIGUEIREDO V. L. M QUEVEDO L; PAPPEN L; **Habilidades cognitivas de crianças e adolescentes com distúrbio de aprendizagem**. Psico-USF, v. 12, n. 2, p. 281-290, jul./dez. 2007 281.

LIMAA. M *et al.*  **“Era uma vez uma família numerosa...” Uma abordagem sistémica da Família.** Trab. Acadêmico. Uni Psico de Lisboa- Portugal, 2005.

MENEZES, M *et al*.**O desenho como instrumento de medida de processos psicológicos em crianças hospitalizadas.***Aval. psicol.* [online]. 2008, vol.7, n.2, pp. 189-198.

MINISTERIO DA SAÚDE, **Melhor em casa- A segurança do hospital no conforto do lar.** Caderno de Atenção Domiciliar- Vol 2, Brasilia-DF, 2012. Disponivel em: < [file:///C:/Users/Emerson%20Pezote/Documents/FACULDADE/7%C2%BA%20Periodo/Projeto%20solidariedade/cap\_2\_vol\_2\_abordagem\_familiar\_final.pdf](file:///C%3A/Users/Emerson%20Pezote/Documents/FACULDADE/7%C2%BA%20Periodo/Projeto%20solidariedade/cap_2_vol_2_abordagem_familiar_final.pdf)> Acessado em 06 de Junho de 2015.

PAULA, A. R. **A hora e a vez da família em uma sociedade inclusiva** / Ana Rita de Paula, Carmen Martini Costa. - São Paulo: SORRI-BRASIL, 2006. P 36.

PESCE R. P. e cols. **Risco e Proteção: Em Busca de Um Equilíbrio Promotor de Resiliência**. Psicologia: Teoria e Pesquisa Mai-Ago 2004, Vol. 20 n. 2, pp. 135-143 1.

Prefeitura de Fazenda Rio Grande, Disponível em http://www.fazendariogrande.pr.gov.br/secretarias/educacao/escolas-municipais/escola-municipal-santa-cecilia. Acessado em 30-05-2015.

PRADO, A.M.C.C; MAROSTEGA, V.L.; **A Inclusão do Portador de Necessidades Especiais em Âmbito Social e Escolar.** Cadernos :: edição: 2001 - N° 17 > Editorial > Índice > Resumo > Artigo.

QUINTÃO, D.T.R; **Algumas reflexes sobre a pessoa portadora de deficiência e sua relação com o social.** Psicologia & Sociedade; 17(1): 17-28; jan/abr.2005

0021-7557/04/80-02-Supl/S71 Jornal de Pediatria Copyright © 2004 by Sociedade Brasileira de Pediatria Retardo mental Mental retardation Marcio M. Vasconcelos\*